

Assim, para nós, os tempos verdadeiramente historicos não podem rigorosamente ir alem do sec. I a. C.; e o maximo tempo que pôde alcançar a protohistoria é o sec. V antes da nossa era.

Nesta epoca a Europa já sé achava na idade do ferro¹, sem excluir a peninsula iberica e determinadamente a região de Portugal².

O ferro foi introduzido no Mediterraneo com a invasão dorica na Grecia, ahi pelo sec. XI a. C.; e, se foi depois d'essa invasão que os phenicios tiveram influencia no mar Egeu³, é provavel que, tambem, só depois a tivessem no occidente do Mediterraneo. Assim, os phenicios não teriam sido os introductores do ferro na Peninsula; e uma passagem de Estrabão⁴ parece confirmá-lo.

SANTOS ROCHA.

De Conimbriga

Achados varios — Uma fibula

Esse vasto territorio que o velho *oppidum* de Conimbriga domina está-nos dando cada vez mais esperanças do que poderá resultar de uma exploração scientifica e methodica.

Descobrimentos estão-se fazendo ahi todos os dias; e, se maior contingente de objectos não entra nos museus, é isso devido não só aos visitantes, que em geral desejam levar da terra qualquer cousa para recordação, como tambem á ignorancia dos habitantes.

Perto da entrada das muralhas, um pouco á esquerda, numa eminenencia, foram por um lavrador abertas umas escavações, de que resultou apparecer um renque de bases de columnas e um passeio de cantaria que as circundava.

Perante tal achado logo varios articulistas começaram de chamar aos restos do edificio reapparecido *thermas*, o que afinal não admira; em Portugal traço de parede ou fiada de tijolos que por qualquer motivo se desenterre é immediatamente apodado de balneario, etc.

¹ *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, t. 1, p. 218 sgs.

² Cartailhac. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pp. 209 e 243; Mr. Déchelette, *Essai sur la chronologie préhistorique de la péninsule Ibérique*, p. 64.

³ Mr. Dussand, «Les fouilles récentes dans les Cyclades et en Crète», in *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie*, pp. 120 e 122.

⁴ *Geographia*, t. 1, liv. III, cap. V, p. 276, trad. de Tardieu.

Comtudo tanto podem ser vestígios de thermas, como de um mercado ou de um templo; por emquanto ha tantas razões para suppor uma cousa como outra.

*

Foram principalmente encontrados neste local os objectos que a seguir enumero.

a) Alguns ladrilhos de pedra, rectangulares, perfurados no centro.

b) Pedacos de estuque pintados *a fresco* com as côres vermelha, amarella e azul clara: o vermelho constitue a base da pintura; a ornamentação amarella é muito fina e representa fitas de pequena largura curvas e rectilineas cortadas regularmente por pequenas esferas (*bullae*) pendentes todas para o mesmo lado; a côr azul clara apparece em manchas em que não se distinguem os desenhos.

No Museu do Instituto de Coimbra existem varios fragmentos de estuque pintado, mas a pintura é nelles ordinaria e irregular; neste genero e de Condeixa-a-Velha os mais delicadamente ornados, são os que actualmente possui o Museu Ethnologico.

c) Mosaico. Este é como de costume polychromico, predominando os desenhos circulares formados por fiadas de parallelipipedos de côres negra, vermelho viva, amarella e branca, com os ornatos rodeados por uma cercadura de pedra negra.

d) Restos de ceramica. Neste local, como em toda a area de Conimbriga, são abundantissimos estes restos, encontrando-se representadas todas as variedades de pasta, desde o barro samio, fino, de importação, até ao escuro e lodoso de fabricação indigena.

Em especial noto tres fragmentos de barro samio com marcas figulinas gravadas por sinete, e que pertencem duas a fundos de taças e a terceira a uma tampa.

Nesta ultima lê-se MANDUILIA; das outras não se percebem completamente os dizeres.

Em todos estes restos de ceramica predominam os ornatos em fórmula de cordas e de fitas entrelaçadas; sendo quasi todos, principalmente no barro indigena, resultantes de impressões digitaes.

*

Passo agora a descrever uma fibula de bronze que encontrei não longe d'este ponto e que fórmula tambem um dos objectos do meu artigo¹.

¹ Offerecida ao Museu Ethnologico, onde hoje está.

Perdem-se as origens das fibulas na noite dos tempos; já Homero nos apresenta os seus heroes prendendo os apanhados da chlamidas com fibulas ornamentadas.

E de facto os descobrimentos archeologicos vão-nos mostrando que o primeiro typo de fibula (o de Mycenae) apparece exactamente nos logares onde o autor da *Iliada* e da *Odyssêia* faz desenrolar a vida dos seus heroes.

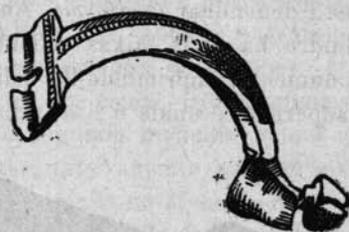
Foram as fibulas não só objectos de utilidade, como tambem de adorno e ulteriormente de luxo; serviam para segurar os vestidos de baixo, *lacerna*, *palla*, *sagum*, usando-se até no *paludamentum*, manto militar, como charlateiras.

A fibula de que trato pertence ao 7.º typo da classificação do Sr. José Fortes¹, typo constituido por fibulas de «charneira curta e pé com botão terminal»; segundo Déchelette estas fibulas tem origem italica, e datam do sec. I da era christã.

É de fórma elegante, e o arco, cujo extradorso tem os planos unidos e assinalados por um cordão gravado, termina em botão quasi conico, talhado por cortes em cruz que formam gomos.

Falta-lhe o fusilhão e metade da femêa da charneira; o descanso pendente do pé acha-se tambem incompleto.

Apesar porém de estar um pouco deteriorada, esta fibula é ainda assim um bello exemplar d'esses objectos de luxo que o Romano fazia pagar bem caro aos seus ignorantes dominados.



Uma fibula

VERGILIO P. DA FONSECA.

Tampa de sepultura da epoca romana

No *Diario de Noticias*, de 16 de Outubro de 1906, contava um correspondente da praia de Santa Cruz, proxima de Torres Vedras, que o dominio romano ali deixára dois monumentos, sobreviventes ainda; uma tampa sepulcral que fôra levada para o convento de Penafirme, outra que ainda se conservava junto das casas do illustre vitorioso, Sr. Manuel Francisco da Veiga. Esta acaba de ser salva de mais estragos, por ter sido offerecida, pelo seu dono, ao Museu

¹ «As fibulas do noroeste da peninsula» in *Portugalia*, t. II, fasc. I.